

O que estes economistas temem: mais recessão. *Economia Brasil*

31 MAI 1985

Não há nada que justifique grandes cortes nos gastos das empresas estatais, o que só viria agravar a recessão. Por isto, o governo deveria estar captando recursos de terceiros no mercado de capitais para suplementar as necessidades de recursos de suas empresas, "em vez de continuar exercendo uma política de controle de preços de serviços públicos que só tende a agravar o déficit dessas empresas". Estas são algumas das conclusões de um grupo de economistas que se reuniu ontem na sede do Conselho Regional de Economia no Rio.

Para Rogério Werneck, professor da Pontifícia Universidade Católica, a maneira como a questão do déficit está sendo conduzida determina a exigência de uma carga tributária danosa à sociedade brasileira, o mesmo acontecendo com relação à prolongada política de preços.

Discussão ampla

Ao estudar as diferentes estruturas orçamentárias do País, Werneck chegou à conclusão de que o déficit de Cr\$ 20 trilhões das estatais não deve ser realmente entendido como déficit, na medida em que essas empresas se estão autofinanciando em Cr\$ 40 trilhões para execução dos seus programas de investimentos, "razão pela qual não vejo por que parte desta expansão não seja financiada pelo setor privado, seja por forma de empréstimo ou investimento, de preferência esta última".

Para o economista Fernando Resende, do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea), o governo também não pode aumentar a carga tributária sob o pretext

to de reduzir a déficit público. Segundo explicou, o aumento de receita via tributos só se justificará para cobrir despesas adicionais, como a colocação em prática de programas de alto interesse social.

Na sua opinião, esse aumento da carga tributária deve ser amplamente debatido pela sociedade para que "sejam eliminadas distorções, como os benefícios e privilégios dados a alguns segmentos, que só servem para que a arrecadação dos impostos seja distribuída de forma injusta para a sociedade".

Dessa forma, defendeu a aplicação de uma tabela progressiva para a aplicação do Imposto de Renda sobre os rendimentos de capital, atualmente taxados em 35% de forma indiscriminada. Também sugeriu a taxação dos rendimentos agrícolas, no momento quase totalmente isentos, e a eliminação das mais variadas formas de finalidades de incentivos fiscais.

Comércio contra

"Mais impostos significam mais recessão", advertiu ontem Abram Szajman, presidente da Federação e do Centro do Comércio de São Paulo, ontem recebido em audiência pelo ministro do Planejamento, João Sayad. Antes de entrar no gabinete, o empresário condenou a proposta do senador Cid Sampaio (PMDB-PE), presidente da Comissão de Reforma Tributária do Senado, que defende a tributação de doações e heranças. Cobrar impostos sobre heranças, para ele, equivale à bitributação, por entender que, em vida, qualquer pessoa já paga impostos sobre seus bens. "Hoje, todo mundo já paga para morrer."

JORNAL DA TARDE